

A magia dos contos de fadas na minha vida

Gabriela Pagliuca



Posfácio de Isaque Criscuolo

A magia dos contos de fadas na minha vida

Versão definitiva

Gabriela Pagliuca

Posfácio de Isaque Criscuolo

Contato: gpagliucas@gmail.com

Twitter: www.twitter.com/gabi_blog_br

Blog: www.gabi.blog.br

Madrid, 13 de maio de 2010

Agradecimentos

Obrigada a todos que sempre me apóiam em tudo que eu faço na vida, mesmo quando o que eu faço é besteira. Obrigada a todos que, mesmo eu falando demais, têm paciência para escutar (ou ler) o que eu tenho a dizer. Obrigada a quem me ajudou a corrigir esse pequeno livro. Família e amigos, amo vocês demais! Agradeço a Deus todos os dias por ter vocês ao meu lado! Vocês fazem minha vida ser um conto de fadas real!

Eu conhecia um cara... Enquanto escrevia isso tentei adjetivá-lo, mas não consegui. Eu o conhecia, mas ele não a mim. Ele estava no segundo ano do colegial, estudava no mesmo colégio que eu e morava num prédio em frente ao meu. Eu o via sempre indo ou voltando da escola, mas dentro do carro e bem de relance. A varanda dele ficava pra frente da porta do meu prédio, mas não dava pra ver direito. Sempre que tinha alguém lá eu ficava pensando se era ele, mas a maioria das vezes não era, e sim a mãe dele. Ela já até tinha me visto olhando algumas vezes. Pois é... Eu conhecia um cara que nem sabia que eu existia. A mãe dele sabia mais de mim do que ele.

Eu andava sempre com minhas roupas meio largas. Meu uniforme do colégio era censurado pelas inspetoras e pelos meus pais porque eu cortava as golas das camisetas e as barras das calças. As tias do corredor sempre vinham com o mesmo discurso: *“se você voltar amanhã com essas roupas nesse estado, vou te fazer voltar pra casa. O que seus pais acham disso?”*, não que eu seja uma rebelde, ou coisa assim, eu só me sufocava com aquela gola. Mas por isso tudo, como podia pensar que eu e ele um dia poderíamos ter alguma coisa, tipo um romance? E meu cabelo sempre despenteado? Como eu poderia sonhar com alguém tão sempre impecável que vivia rodeado de meninas mais velhas, mais bonitas e mais arrumadinhas que eu? Eu nunca seria boa suficiente pra ele.

Talvez vocês estejam pensando que esse é mais um conto de fadas da *Disney*, quando a menininha desarrumada e o menino bonito se encontram e rola um clima. O negócio é que isso tudo não existe... Ah! Sem esquecer de mencionar a grande diferença entre vida real e estórias, é que na minha vida não rolava clima nenhum entre mim e o bonitão. Não importa se nos filmes eles parecem ser reais, fantasia é pra ser fantasia. A vida real é um pouco mais dura e complicada que isso. Os filmes até tentam adaptar os contos de fada para situações do nosso tempo, mas não conseguem, eles vão ser sempre

mentiras, sonhos e um exagero. A gente pode viver um romance legal e sei que isso é possível, mas acredite em mim quando eu digo que não existem contos de fadas e que acreditar neles é um tanto quanto pior.

Sempre tive muito isso na minha cabeça, um dos motivos de eu não saber como me deixei iludir como fiz, achando que viveria meu *Diário da Princesa*, se essas coisas não existem. Eu quero dizer, o menino por quem eu tinha uma super queda era muito mais bonito que o cara daquele filme *A Nova Cinderela*, o tal de *Chad Michael Murray*, a diferença é que eu não sou nem de longe parecida com a *Hillary Duff*. A personagem dela não era feia, gordinha e com o cabelo rebelde, era apenas diferente do que a sociedade “exigia”, então quem não se apaixonaria por alguém bonita como ela, com o cabelo dela lisinho com um toque de encaracolado *hollywoodmente* desenhado? E além de tudo era legal e inteligente. Enquanto eu, ah, meu cabelo tá sempre bagunçado e nenhuma roupa legal fica boa em mim, não tem ninguém que me dê um jeito.

Admito que não ajudo muito com minha falta de vaidade, nesse quesito não sou muito diferente da personagem principal do filme, a *Sam*. Mas como a *Mia* disse antes de virar princesa “isto nunca há de melhorar mesmo!”. Eu não sou *enfeitada* como fazem com as atrizes para depois transformarem em bonitas, eu só não sou *enfeitada*. Sou eu mesma, sabe, Mariana, sem maquiagem, chapinha e roupas que me sufocam pra emagrecer. A verdade é que eu não ligo muito pra essas coisas de beleza. Eu já tomo banho todo dia, escovo os dentes, tenho senso de humor e sou inteligente. Isso já me fez ganhar muitos pontos com meninos cheirosos, engraçados e inteligentes... Alguns até eram bonitos, mas não como o... Acabo de me dar conta que, nesse ponto da estória, que devo chamá-lo de *Artur*.

Eu não exagero quando falo da beleza de *Artur*, ele é loiro, saradinho, alto, muito alto. Muito lindo. Os olhos dele são azuis. Eu sempre encontrava com ele nas festas do colégio, mas ele nunca me olhava. Eu sempre tentava jogar um charme, um olhar, mas ele não tava nem aí. No meio da noite ele sempre saía, aposto que era com uma menina por festa. Ah, e tem outra, como ele é bem mais alto, era fácil encará-lo sem que ele percebesse. Eu ficava anestesiada ao vê-lo. Eu até via às vezes ele olhando pra minha direção, mas eu acho que ele não olhava exatamente pra mim e sim pra minha amiga, Ana, que sempre tão bonita, nem precisava de nada pra chamar atenção dos meninos. Sempre que estava perto dele, nas festas, eu queria sair dali, eu dizia pra minha amiga: *“se eu ficar aqui... Vou acabar indo falar com ele e quando ele me rejeitar, vou ficar triste! Vamos pro outro lado.”* Então, pra me provocar, ela me dizia *“vou dançar com ele”*, mas se ela fosse ele iria querer ficar com ela, e como ela poderia resistir um bonitão daqueles? Então, não. Depois se um dia fosse nos comparar, eu ia perder de lavada. E ela continuava a falar, então, pra me poupar um pouco: *“porque você não tenta? Vai que hoje é seu dia de sorte?”*, só que para aquilo acontecer não seria apenas sorte que eu precisava, seria preciso eu entrar em um *conto de fadas*. Só que eles não existem. E eu não queria arriscar ficar triste por causa de uma frustração que já era prevista. Daí eu fugia. E funcionava assim, fugindo dele o tempo todo.

Pois é. Eu fujo sempre dele. Se você está aqui pra ver um conto de fadas, está perdendo seu tempo. A verdade é que eu já disse e vou repetir muito isso nessas próximas páginas, contos de fadas não existem, a vida real é muito diferente.

Sabe que o melhor de tudo nessa relação *a Bela e a Fera* – eu sendo a *Fera* e ele, não riam, a *Bela* – era encontrar com ele nos fins de semana nas festas e nos dias de semana na biblioteca. Ele estudava na mesma escola e no mesmo período que eu, mas o

intervalo dele era em horário diferente. Então sobrava a biblioteca na parte da tarde. É o motivo de eu achar que ele deve ser bom demais pra mim. Sabe? Bonito e inteligente. Inteligente sim, porque ele não vai às vezes à biblioteca pegar um livro que ele precisa pra alguma aula chata de literatura... Ele frequentava, marcava ponto, ia vários dias por semana, assim como eu. E já prestei atenção, as coisas que ele lê não são coisas de iniciante. Ele deve ser muito legal. Ou não. Talvez o legal mesmo fosse eu conhecê-lo para poder descobrir defeitos e parar de pensar nele o tempo todo. Porque pensar que ele era bonito e inteligente fazia, automaticamente, querê-lo para mim.

Era difícil pensar nele sem ficar frustrada, ao mesmo tempo tinha certeza que era bom o que eu sentia. O triste era pensar que ninguém sentia isso por mim, e que pra minha solidão não havia alternativa. A gente vê que sempre tem alguém apaixonado pelos nossos amigos ou fica sabendo dos amigos coloridos deles. Ainda tem os admiradores secretos mandando bilhetes de verdade nas festas juninas do colégio, pra tentar se aproximar. Pra mim, sempre vinha brincadeiras ou recados de amigos. Nos filmes, a mocinha avacalhada é sempre piada da turma e depois dá a volta por cima no baile de formatura, quando descobrem que ela é linda. Eu não. Posso até não ser a menina mais bonita da escola, ainda falta um pouco – muito – pra isso acontecer, mas ninguém mexe comigo porque me respeitam, gostam de mim, tenho amigos. Então mais uma diferença entre a ficção e a realidade, não tenho nenhum obstáculo pra superar... Bom, a não ser, claro, o fato de ele não saber que eu existo... E... Isso... Não... é... só um mero detalhe.

Eu acho que ele foi pra essa escola esse ano, porque nunca tinha o visto antes. Eu senti isso por ele desde o começo do ano e o auge do meu amor platônico, foi quando a gente tinha acabado de voltar das férias de julho. Foram as férias mais difíceis pra mim,

ficar longe da biblioteca, digo, dele. Era a primeira semana de aula. Todos os dias eu tinha o visto no nosso esconderijo secreto de amor. Ok, não era nosso, nem secreto, muito menos de amor. Era meio óbvio encontrar com ele lá na biblioteca, quanto mais velhos somos, mais os professores nos bombardeiam de lições de casas e trabalhos chatos. Então além da frequência usual pra buscar livros como *1984*, *Admirável Mundo Novo* e *Laranja Mecânica*, ele ainda tinha as tarefas. As minhas de química eu sempre pedia para um amigo meu, o Fred, fazer. Sabe, química, além da que tem entre mim e Artur, não entra na minha cabeça. Nunca vai entrar. Tá, não existia química entre mim e Artur. O máximo que existe é aquela reação ao vê-lo, sabe: sorrir e ficar vermelha instantaneamente, mas acho que isso tá mais pra física do que química... “*Ação e reação*”.

Mas como essa história tem que dar uma reviravolta em algum momento, vou começar logo a contar o que aconteceu pra eu estar falando tanto, além do habitual. Bom, não muito *logo* porque eu não sei – e não tem graça – ser resumida, mas por aqui começa a mudar o rumo da estória – e não do conto de fadas, porque aqui é vida real, amigo leitor.

Na sexta feira... Mas não em qualquer sexta feira... Na sexta feira mais horrível de frio e chuva – um sinal de que algo ruim ia acontecer, pra depois vir a calmaria, como quando *Kat* de “*10 coisas que eu odeio em você*” descobre que *Patrick* estava com ela porque alguém o estava pagando, mas depois se dá conta que ele realmente gosta dela, sabe, é a tempestade pra vir a calmaria. Mas como é vida real, eu não cheguei à escola e em 2 minutos fui embora, como nos filmes. Eu tive que assistir à aula toda e ainda tive que ficar lá com a Ana e o Fred – essa é a parte boa –, fazendo um trabalho obrigatório – a parte ruim –, que vale 30% da nota para todas as matérias. Tínhamos que fazer uma

crítica a alguma coisa, e como nós três temos mais ou menos os mesmos parâmetros para medir beleza, resolvemos fazer uma crítica a isso. O problema é que resolvemos fazer o trabalho como uma brincadeira e íamos pagar um mico em uma festa de 15 anos de uma das meninas da nossa classe. Ela era legal, não íamos boicotar nada, só íamos fazer nosso trabalho. E causar um pouquinho, mas bem pouquinho. Mais tarde, em casa, resolvemos nos arrumar. Ficamos bem bonitos, os três, como nunca tínhamos nos incomodamos em tentar ficar, e lá na festa íamos improvisar o trabalho, que saiu melhor que o esperado.

Não sei como eu consegui esse ato de coragem, mas eu me maquiei e alisei meu cabelo na chapinha. Só que eu fiquei bonita e consegui entender um pouco porque aquelas patricinhas da minha classe vivem de maquiagem. O vestido era da irmã do Fred, que era mais ou menos como eu, mas mais bonita. Eu sei que parece que minha auto estima é baixa... Melhor dizendo, eu sei que minha auto estima é baixa, mas eu não tenho culpa, faço terapia pra tentar melhorar, mas tenho fases e fases. Mas até que eu fiquei bem bonitinha. Ou bem bonita. A Ana já tinha várias coisas a seu favor. Magra, alta, loira e linda, mas ela se preocupava com a beleza exterior tanto quanto eu. O Fred nos deu mais trabalho, o cabelo dele era mais rebelde que o meu e algumas espinhas dele brigaram com a gente, mas conseguimos deixá-lo bem gato. O bom do Fred é que ele nem precisa ser gato pra arrasar com as meninas, ele tem sempre alguém com quem ficar, seduz as meninas com o sorriso e o jeito bobo-inteligente. Até eu e a Ana já fomos seduzidas um pouquinho por ele, mas isso faz tempo, tipo na quinta série, quando começamos a andar os três juntos, como melhores amigos.

Eu nunca me senti tão bonita. Sério. Gostei de me arrumar, mas acho que não faria isso se não tivesse esse trabalho tão importante pra fazer ou essa festa pra ir. Confesso

que entendo que me sentir mais bonita é bom, mas não é o *mais* importante. Acho que as pessoas confundem muito quando falam de beleza, o essencial é se sentir bem e bonita para si, não para provar que algo para os outros. Por isso que talvez a partir daquele momento eu fosse passar a usar um corretivo e um batom, mas aquilo era para mim, para olhar no espelho e me sentir mais bonita e não para tentar ganhar as pessoas assim. Conquista está muito mais além de beleza, essa parte é, talvez, apenas o começo. Depois dessa etapa, ainda falta muito.

Falta muito. Sempre penso nisso. Com o próprio Artur acontece isso. Ele não havia me conquistado. Ele apenas me chamava atenção todas as vezes que ele passava por mim e quando eu pensava nele o tempo todo. É, eu tinha uma grande queda por ele, mas ainda não era como se ele já tivesse me conquistado. Era apenas a ideia que eu tinha dele me fazia perder horas de sono. Por isso que eu tinha vontade de conhecê-lo, para provar pra mim mesma que ele não merecia isso tudo, essa paixão idiota que eu inventei e essa perfeição que eu idealizava. Para o Artur me conquistar mesmo, de verdade, faltava muito. Talvez nunca conseguisse. “*Ele deve se achar muito*”, eu pensava.

Chegando lá na festa, debaixo de chuva, tive que *implorar* pro meu pai deixar a gente exatamente na porta, porque ele não estava muito acostumado com essas frescuras vindas de mim e estava com medo de riscar o carro com o pouco espaço que tinha pra passar – sim, meu pai dirige muito mal e sabe disso –, mas tudo bem! Consegui convencê-lo e entramos, eu, Ana e Fred, sem nos molhar. Vocês já podem imaginar minha expectativa ao entrar na festa estando linda daquele jeito, já que estava lá todo mundo que eu conhecia, né?!

Eu fui de casa até o clube onde era a festa imaginando aquele filme “*Tudo o que uma garota quer*”, quando *Daphne* entra com o vestido costurado por ela a partir de um

horrível que sua meia-irmã má sugeriu pra ela vestir, e todo mundo olha pra filha do político da vez, com a meia-irmã má morrendo de raiva por ela ter conseguido ficar mais bonita e todos os *flashes* em sua direção. E quando eu cheguei e sorri saindo do carro com a ajuda do segurança, pra eu não cair do salto, olhei e não havia ninguém. Não foi nada daquilo que acontece em filmes. Cheguei e a menina mais bonita da classe não ficou com inveja, o mais bonito dos caras não parou para me olhar todo apaixonado. E a cena não parou nem a música diminuiu pra me ver descer as escadas... Aliás, nem escada tinha.

Quando chegamos, encontramos na porta a Julia, a aniversariante, que estava recebendo os convidados com os pais. Falamos com ela, ela disse que estávamos muito bonitos e que estava feliz por nos receber. Enquanto me abraçava disse “*aquele loirinho do segundo ano tá aí, ele é amigo do meu irmão*”. Ele estava lá na festa. Subiu um gelado meio quente no corpo – aquela parte da química que eu não entendo, mas sinto –, senti dor de barriga muito forte. Só que nem fiquei mais vermelha do que eu poderia estar com aquele *blush* rosa da minha irmã. Entramos e ninguém nem se preocupou em olhar, como eu disse, muito surpreendido. Nossos amigos nos elogiaram, mas nada comparado aos filmes. Primeiro cumprimos nossa obrigação – o trabalho – pra depois poder curtir a festa com calma. Filmamos, tiramos fotos e fizemos tudo como foi combinado. O trabalho se tratava da beleza de *contos de fadas* – por coincidência, eu nem tava pensando nisso –, em como os filmes e histórias nos fazem crer em uma beleza, talvez não inexistente, mas artificial. Alguns amigos cooperaram com a gente. E bem rápido terminamos. Eu fiquei feliz por continuar bonita e feliz. Mesmo que não fosse pelo trabalho, – vai, admito –, acho que eu faria tudo isso de novo, sim. Eu já estava dançando e pulando quando percebi finalmente que Artur tinha me olhado. Pela primeira vez.

Ele sorriu pra mim e veio conversar com a gente. Passou a mão no meu cabelo e perguntou se eu não era a *menina da biblioteca*. Eu achei aquilo suspeito e respondi que sim, com um olhar de dúvida, como se eu dissesse sim, mas com um ponto de interrogação no fim – tipo “*sim?*” Olhei pra Ana e ela me disse bem baixinho que eu não ia fugir de lá dessa vez, pedi pra ela com os olhos pra que me deixasse sair, sim. Ela me segurou e disse pra ele, toda contente, que sim, que eu e ele já nos conhecíamos da biblioteca. Foi aí que ele disse que tinha me reconhecido pelo sorriso e pelas bochechas vermelhas, mas que eu estava muito diferente, que eu estava muito bonita. Aquilo me fez ter a sensação que ele já me havia visto mais vezes, principalmente sorrindo e com vergonha. Nada mais me faz ficar vermelha a não ser de vergonha – e aquele *blush* da Natalia. Então me disse: “*você já é bonita, hoje está mais*”, e passou as costas dos dedos carinhosamente na minha bochecha. Sorri de nervosa.

Aí eu puxei Ana que puxou Fred que foi obrigado a parar de paquerar a menina que ele estava quase ficando. Ana, iludida, pensou que aquela era minha chance e que eu tinha tudo para ficar com o Artur naquela noite. Só que eu não queria que fosse assim, daquele jeito. Eu tentava explicar para aquela cabeça de vento que eu sempre fiz questão de não chamar atenção de ninguém por beleza, mas que era isso que tinha acontecido naquele momento. Ela disse que pra ela eu sempre era bonita, e que pra ele podia ser também. Eu a abracei por sua fofura, mas disse que não, como se eu fosse dona da verdade, que ele nunca tinha me visto antes e ele veio ele veio falar comigo só porque eu tava mais bonita. E se eu ficasse com ele estaria me iludindo. Disse tudo isso pra a Ana e o Fred, que concordaram tristemente. Mas mesmo assim concordaram entre eles que eu podia tentar, já que eu sempre dizia que se eu o conhecesse poderia parar de gostar dele. Mas só pensava na minha frustração ainda maior quando amanhã fosse rejeitada depois de ter ficado com ele.

Mas eles estavam certos, era minha chance de conhecê-lo, pra descobrir seus defeitos, definitivamente. E quem sabe não gostar dele tanto quanto eu gostava da pessoa que pensava que ele era. Será que isso é confuso? Eu gostar não dele, mas da pessoa que eu imaginava que ele era? Ele era mais velho, mais experiente e eu sempre quis ficar com um cara assim. Resolvi tentar. Não necessariamente ficar, mas me aproximar. E fiz isso. Deixei que ele se aproximasse e fosse o que Deus quisesse. Eu fiquei parada conversando com o pessoal enquanto o vi caminhando rápido, na nossa direção. Coçou a cabeça e sorriu timidamente. Ficou lá um pouco com a gente, do meu lado. Foi se aproximando e colocou a mão gelada nas minhas costas, pensei na hora: *“ele parece um cara legal. Bonito, inteligente e legal? Ele deve ser de outro planeta, por isso a mão gelada”*. É sério, eu pensei mesmo isso, não era modo de falar – pensar. Mas que besteira! Sendo romance ou em ficção científica, aqueles livros e filmes já estavam me fazendo delirar.

Foi quando segurou minha mão e me chamou pra dar uma volta. Eu fui. Quando olhei pra trás, vi todas as minhas amigas me incentivando. O Fred não, ele já tava com a menina de antes de novo. Aquele vestido preto não me fazia sentir só mais magra, mas me fazia sentir num verdadeiro conto de fadas. E isso não existe na vida real. Vocês conhecem os meninos da vida real, eles são um pouco canalhas, sabe. Desculpa a generalização, principalmente porque conheço meninos como o próprio Fred ou o Pedro G – o PG, um menino do terceiro ano – que são verdadeiros príncipes da vida real, mas esses são *exceções* e grandes amigos. Foi nessa hora que entendi o ditado que minha mãe às vezes diz: *“quando a esmola é demais, o santo desconfia”*. O cara mais bonito da festa estar a fim de mim, logo de mim, alguma coisa tem. E como magia não existe... A gente conversou um pouco, ele já sabia o meu nome – tinha perguntado ao irmão de Julia – e me esqueci de perguntar o dele no começo, então ao passar do tempo, fica

meio constrangedor perguntar. Ele ficou dizendo que eu estava muito bonita naquele dia e queria ficar comigo. Ele se fazia de tímido como se nunca tivesse chegado em uma menina, mas eu sabia que era só *tipo*. A sensação ficou um pouco pior quando eu olhei pra trás e vi os amigos dele todos olhando pra gente e percebi que, de alguma maneira, aquilo tinha mais a ver com eles do que comigo. Artur estava querendo provar alguma coisa pra alguém.

Não, eu não acho que foi uma aposta como *“Ela é Demais”*, que Zach se sentia capaz de transformar qualquer menina na mais gata do colégio, nem muito menos aquelas outras apostas idiotas de levar a menina pra cama. Porque isso é *vida real*. E na minha não existem super conflitos. Eu só comecei a perceber que ele tava realmente mais interessado na minha aparência artificial daquele dia do que em mim, de modo geral.

Ele me segurou no rosto e andei pra trás, desviando da primeira tentativa dele em me beijar. Ele era bem mais alto, teve que fazer um esforço pra abaixar e alcançar minha boca, então foi fácil fugir. E logo ele disse, se fazendo de coitado: *“Mari, porque você tá fugindo se todo mundo fala que gosta de mim?”*, aquilo foi horrível, tive vontade de chorar de vergonha. Alguém havia dito que eu gostava dele, mas... Eu nem ao menos sabia o nome dele! Artur era Artur entre mim e as meninas – e o Fred! Eu não podia estar gostando de um cara que nem o nome sei. De um cara que... A mãe dele sabe mais de mim do que ele. Não respondi nada, virei pra trás e andei. Ele podia ter ficado quieto, mas, por ser orgulhoso e querer ficar por cima, disse, com a voz de coitado, mas discurso de canalha: *“Não vai, essa pode ser a única oportunidade de ficarmos juntos se for isso que você quer”*. Uma noite e nada mais. É isso que ele queria. E foi aquela noite que ele queria ficar comigo porque eu estava mais bonitinha? Ele achava o que? Que estávamos

em romance adolescente que eu ia cair nessa? Era aquilo que eu tinha ouvido. Se ele não me quis até hoje à tarde, porque resolveu me querer à noite? Eu achei aquilo babaca demais. E finalmente ele tinha acabado destruir tudo o que eu, infantilmente, tinha criado sobre ele. E resolvi falar.

“Você sabe que isso daqui na sua frente não é a verdadeira eu, né?!” Ele tentou me cortar, mas eu não deixei. *“Essa maquiagem, essa roupa e essa chapinha vão sair e eu vou voltar a ser aquela menina de sempre que frequenta a biblioteca. Eu sonhei com esse momento desde o começo do ano... Desculpa parecer criança demais, mas sonhava isso como se fosse meu conto de fadas, mas nos contos de fadas o clima rola entre os protagonistas desde o início e não só quando a menina aparece super-gata no baile. E pra mim você só me olhou hoje porque eu estou com esse cabelo esquisito e esse vestido estúpido, com essa maquiagem ridícula da minha irmã mais velha. Você nem sabia meu nome antes.”* Mesmo ele querendo falar, eu não deixei, e ainda completei enfurecidamente. *“E sabe o que mais? Eu nem sei seu nome, e nem tenho vontade de saber. Pra mim, você tem cara de Artur e vai continuar sendo Artur. Esse negócio de “talvez seja a única oportunidade de ficarmos juntos” me soou como um canalha superficial e que eu sempre lutei pra não encontrar na minha vida. O motivo de eu nunca ter falado com você é porque não queria sentir o que estou sentindo nesse exato momento”.* Ele se abaixou e me beijou, eu o empurrei. *“Vai cuidar da sua vida e arrumar uma patricinha com quem você possa sair, mostrar pra todo mundo e se orgulhar por pegar as bonitonas, porque eu devo ser a única pessoa no mundo que não se importa o quanto lindo você seja, eu não quero que você goste de mim pela beleza improvisada que uma transformação efêmera me fez ter e que se você me quer, tem que gostar na biblioteca, na escola, nas festas, e me paquerasse outros dias, não logo na festa que eu estou mais bonita do que eu sou.”* Ufa, respirei. Gaguejei um pouco, mas consegui dizer

tudo. Ele tentou falar de novo, eu não deixei. “*Quanto drama*” foi só o que ele conseguiu dizer. Eu sou legal, mas não sou perfeita, um dos defeitos que eu tenho e que esforço pra tentar mudar é esse, de não deixar a outra pessoa se explicar. Outra diferença entre os filmes e eu: *a menina é sempre perfeita*.

Só que como eu imaginei que aconteceria, acabou a festa pra mim. Virei as costas e saí, ele tentou ir atrás de mim, e antes de eu entrar debaixo da chuva disse: “*essa pessoa vai sumir e nunca mais vai voltar*”, quando comecei a me molhar esfreguei a maquiagem com a água da chuva e deixei meu cabelo todo se molhar, até encracolar. Eu já tinha perdido a esperança de que ele viesse pra mim e dissesse que era isso que ele queria, essa pessoa verdadeira que eu sou, como nos filmes. Ele gritou pra eu sair da chuva, eu disse: “*essa é a verdadeira Mari*” e saí andando e ele só me mandou um “*que seja, cansei de tentar, faz o que você quiser da sua vida*” bem alto... Virou as costas e foi embora.

Entre na varanda e fiquei lá com os pés sujos de barro e com frio. Liguei pro meu pai vir me buscar e ele chegou até que bem rápido, já que morávamos perto. Eu tinha acabado de comprovar que contos de fadas não existem, e que eu tinha perdido uma super festa por causa disso. Fred e Ana ficaram até o final, mas porque eu insisti, eles queriam ter ido embora comigo, também. Mas eu queria ficar sozinha. Logo eu que sempre soube – tá, sempre não, mas desde uns 13 ou 14 anos... Ok, desde ano passado – que histórias de amor não são assim, que não acontecem como nos filmes, me deixei levar por uma ilusão. Tudo isso porque o *meu Artur* era a cara do *Rodrigo Hilbert* e achei que ele seria protagonista do meu romance *teen* brasileiro.

Depois daquele dia, de ir pra casa chorando, ter que ouvir meu pai perguntar o que tinha acontecido e brigando comigo por eu ter me molhado e depois de só ter

conseguido dormir com muito esforço, na segunda feira já estava melhor. No final de semana eu tinha visto as imagens da minha câmera digital e descobri que Ana e Fred haviam tirado fotos e feito filmes de mim e do Artur na festa, como parte do nosso trabalho. E a raiva que eu sentia era tanta que conseguimos fazer o trabalho usando o material da festa. Criticando as pessoas que só pensam na beleza exterior. Fred, muito menos emotivo que Ana, obviamente, por ser homem, tirou uma foto minha na chuva, chorando. Por isso tinha ficado melhor que o imaginado, a nossa crítica estava completa, ela tinha um exemplo real. Jamais que poderíamos prever que com a mudança que fiz no meu visual pra ir à festa, um menino tão bonito finalmente chegasse em mim... Foi só pela mudança, quer melhor exemplo que esse?

Só que aquelas fotos me faziam sentir dor. Imprimi as mais bonitas e guardei. Tinha uma bem bonita contra a luz quando estávamos de mãos dadas, antes de eu começar a falar sem parar e estragar tudo. Tinha uma de ele me abraçando, logo no começo da nossa conversa. Eu tenho um pouco de medo de fotos, elas dizem muito, ao mesmo tempo podem ser falsas e não servir pra nada.

A partir daquela segunda feira, nunca mais vi o Artur na biblioteca. Ele devia ter ficado envergonhado do papelão que ele fez, chegando em mim só porque eu estava mais arrumada e bonita. Nunca tinha nem falado comigo na escola. Ele tinha aprendido a lição e nunca mais ia fazer isso com nenhuma menina. Pelo menos era o que eu esperava. Mas Artur ainda era um amor platônico que inventei e que era bom pensar que podia ter dado certo, que podia ter sido meu conto de fadas na vida real.

Mas sei lá, nunca mais o vi. Achei bem estranho. Quando pensava nisso lembrava de ele dizer algo sobre chance de ficarmos juntos. Será que ele se mudou, por isso falava aquilo? Nunca iria saber. Comentava com Ana e Fred, eles falavam *“bem feito, quem*

manda ser tão durona e orgulhosa não deixando os outros falarem?”, se isso mesmo que tivesse acontecido, eu morreria de vergonha eternamente. Em uma dessas conversas, Ana me disse, com sinceridade: *“Talvez ele gostasse mesmo de você. Ele parecia ser tão legal. Você nunca deu chance pra ele se aproximar. Você ficou tão encanada que estava mais bonita que o normal aquele dia que nem percebeu que era a mesma Mariana doida de sempre, mas um pouco diferente externamente. Aquilo te consumiu tanto que acho que é tudo coisa da sua cabeça ele ter se aproximado por causa disso. Às vezes você mesma põe meleca na sua cabeça e nem sabe o quanto isso é ruim só pra você”*. Aquilo me fez pensar um tempão. Algum tempo depois, recebi um email. Era de um menino chamado Lucas.

“Oi Mari, tudo bem? Eu estava na festa da Julia quando você e o ‘Artur’ brigaram. Eu sei de tudo o que aconteceu, a gente é bem próximo um do outro. Você parece ser uma pessoa legal, mas acho que foi muito dura com ele. Pelo o que eu soube, você não deu chance pra ele se explicar e agora não sabe o que realmente aconteceu aquele dia. Talvez você nem saiba tão cedo, porque ‘Artur’ foi fazer intercâmbio e só volta em um ano. Eu espero que você não fique brava com ele e nem que o odeie, porque ele é uma pessoa realmente legal. Eu peguei seu email com o irmão da Julia. Beijos, Lucas”

Respondi dizendo que não tinha maneira de entender uma pessoa que passa uns seis meses convivendo com outra e só quando ela se arruma um pouquinho e fica um pouco mais bonita, ele se acha no direito de propor que eles fiquem apenas aquela noite, dizendo que pode ser a única chance que eles tinham. Disse também que eu apostava que ele só queria ficar comigo naquela noite porque depois eu voltaria a ser essa menina mais ou menos feia de sempre. Não queria me fazer de patinho feio, mas eu

não ligo mesmo pra essas coisas de beleza. Perguntei se ele estudava na mesma escola que eu, porque não sabia quem ele era.

A resposta foi seca:

“Mari, eu preferia não dizer nada sobre o que aconteceu lá porque eu não entendi muito bem. Mas você não leu a parte que eu escrevi que ele não está mais no Brasil e não vai ficar por um ano? Talvez isso explique um pouco sobre “uma única chance de ficarem juntos”. Eu não estranho que ‘Artur’ tenha ficado bravo com você na festa, você é realmente difícil. Se você não conhece suficiente as pessoas nem os motivos delas, não pode julgar. Se você não quer que os outros te julguem, não deveria fazer isso, pra começar. Eu estudei na sua escola, mas agora estou em outra.”

Mas mesmo depois de respondê-lo, ele não disse mais nada. Adicionei aquele email no MSN, mas ele entrava bem pouco e sempre falávamos “oi - tudo bem - tudo - e – você”, e rapidamente ele já saía, sempre esquecia de perguntar se ele tinha *Orkut*, porque procurei com aquele email e não achei. O sobrenome dele eu não sabia por que o email era lucas931 e tinha um ponto final no lugar do sobrenome dele. O *nick* do MSN era só LUCAS. Várias coisas me passavam pela cabeça. O Lucas podia ser o próprio Artur, mas não acreditava que era. Ele não teria motivo pra se esconder, e realmente não acho que ele aquele Lucas estava se escondendo, não acho que era um email falso ou algo assim pra me enviar emails sobre o amigo, ou sobre ele mesmo. Se Artur quisesse falar comigo, quealaria sendo Artur – ou se identificaria com o nome verdadeiro. Não, definitivamente, Lucas não era Artur.

Aí passaram uns meses, eu tentava esquecer essa história. Se eu pensava muito nisso, lembrava do que Lucas me disse em relação a Artur e me sentia culpada. Mas meu orgulho não deixaria procurar o Artur, ou seja lá qual fosse o nome dele, com o irmão da

Julia e seus amigos. Pra falar a verdade, como Lucas não me respondia mais, eu desencanei e aquele email eu desconsidereei. Quase apaguei da memória, tirando o fato de que ele falava coisas que eram muito coerentes, eu não podia confiar nele. Mas falou coisas como eu não conhecer Artur suficiente pra julgá-lo. Fui aprendendo a não gostar de ninguém daquela maneira. Coloquei na minha cabeça que Artur tinha sido um erro, aquele erro que eu já sabia desde o começo que era, mas que tinha que acontecer pra eu ficar mais forte.

Continuei frequentando a biblioteca do meu colégio e às vezes, não posso negar, via Artur entrar, mas nunca era ele. Obviamente. Artur ainda estava na minha cabeça e acho que ainda gostava dele. Mas era preciso seguir em frente. Mesmo que quanto mais tempo passasse, mais perto estaria de ele voltar, ele nem ia lembrar de mim, ele talvez nem quisesse me ver. Se Lucas estivesse certo e eu que não quis entender os motivos de Artur, ele não ia mais querer saber de mim; se eu estou certa e ele é um babaca, ele não merece esse meu sentimento. De qualquer maneira, eu teria que superar.

O tempo passou e no meio do meu primeiro ano do colegial, recebi um email. Um email do Lucas.

“Oi Mari, tudo bem? Eu sei que faz tempo não nos falamos e você nem deve lembrar mais de mim. Eu só queria avisar que ‘Artur’ está voltando esses dias. Ele queria se aproximar, mas primeiro quer saber se deve ou se pode. Ele não sabe como. Ele não sabe o que você pensa dele. Acho que você deveria dar uma chance. Como eu disse naquela vez que conversamos um pouco, você pode não conhecer as pessoas e julgar precipitadamente.” Respondi com um simples *“não o odeio, ele faça o que achar melhor”*, foi mais de vergonha do que de desprezo, mas Lucas me respondeu como se eu

tivesse desprezando. Resolvi deixar pra lá, nem respondi nada. Acho que quanto mais a gente pisa, mais o homem gama.

Na mesma semana, as meninas da minha classe só falavam disso. Que o loirinho tinha voltado da Austrália. Eu nem fiquei iludida nem nada. Como eu havia desconsiderado aquele Lucas a primeira vez, desconsiderarei naquela também. Toda hora que eu me pegava pensando nele e imaginando a possibilidade de aquele Lucas ser ele, dizia pra mim *“Mari, definitivamente, contos de fadas não existem”*. Em alguns momentos, não via a hora de encontrar com ele. Calculava todas as cenas do nosso reencontro. Mas nas outras vezes eu enlouquecia pensando que era tudo imaginação da minha cabeça. Provavelmente algum babaca tinha feito um email falso pra me zoar. E se o Lucas fosse o Artur e quisesse se aproximar de mim, mas não sabia como, porque não mandar email falando a verdade, que ele era o *meu* Artur. Internet é muito fácil porque não precisamos olhar pra pessoa, é a coisa mais fácil do mundo. Era só dizer *“eu sou o seu ‘Artur’, eu sinto isso, isso e isso, e você?”*, muito mais fácil. Definitivamente, mais uma vez, Lucas não era Artur.

Eu estava esperando ele aparecer de repente. Nosso intervalo agora era ao mesmo tempo, mas continuava sem encontrá-lo. Maldita escola grande. Ana e Fred estavam seguros que ele era legal e gostava de mim, mas eu sempre dizia, com uma voz de desânimo e conselho ao mesmo tempo *“contos de fadas não existem”* e eles brigavam comigo, mas concordavam que era um pouco estranho. *“Mari, me disseram que ele tá o maior gato, vamos procurar por ele?”*, Ana me disse naquele fim de aula. Eu não tinha tempo nem paciência pra aquilo, além de ter que começar o projeto de todas as matérias, que naquele ano era individual, todas as meninas da nossa classe estavam

atrás dele. Eu fui pra biblioteca. Quem sabe não o encontraria lá. Não... *“Contos de fadas não existem.”*

Eu estava com meu *notebook* ligado e com o fone no ouvido, lendo e relendo relatórios sobre o projeto para todas as matérias que eu encontrei na biblioteca. Encontrei um artigo sobre *O Segredo*, aquele lá de pensar positivo. Eu fui ler. As pessoas foram chegando, se acomodando ao meu lado. Eu odiava trabalhar com pessoas do meu lado. Parecia que elas me olhavam toda hora. Eu estava lendo o artigo e com o MSN ligado e recebi uma mensagem. Era o Lucas. *“Eu sempre quis falar com você na biblioteca, mas eu nunca tinha chance e nas festas, você sempre cheia de gente ao seu lado, sou tímido, não tenho coragem pra encarar todos seus amigos”,* e respondi em seguida: *“quem é você na realidade? Você é o Artur?”* e ele: *“não, eu sou o Lucas”*. E eu: *“mas você se aproximou ao mandar esse email e depois se afastou não me respondendo mais... eu não sei quem você é”*. E ele, logo depois: *“você sempre apaixonada pelo ‘Artur’, eu não tinha nem chance.”* E eu: *“chance de que? E porque não teria chance?”*. E ele *“porque eu e Artur somos diferentes, se você gosta dele, não ia gostar de mim”,* eu: *“mas eu não conheço tanto assim Artur, eu só conheço daquela festa e dos meus pensamentos, do que eu idealizei dele”,* e ele: *“mas é disso que estou falando. Você acha que o Artur é perfeito. Eu e o seu Artur somos totalmente diferentes, tenho medo de não ter chance de alcançá-lo em perfeição, não posso competir com a sua idealização”,* e eu sem entender: *“acho que até a pessoa mais perfeita do mundo, não pode alcançar essa perfeição idealizada.”* E ele não respondeu... e eu continuei: *“não entenda errado, eu não quis dizer que ele é perfeito. Quis dizer que perfeição da ideia é a coisa mais ridícula que existe, ninguém é perfeito, eu queria ter chance de conhecer pessoas de verdade e não as idealizadas”* e ele não respondeu. E eu perguntei: *“e o que vocês têm de tão diferente?”*.

Nesses poucos segundos, eu terminei de ler aquele artigo sobre *O Segredo*. Eu estava com a sensação ainda maior de que alguém estava olhando pra mim, comecei a perceber que dessa vez não era só sensação, mas tinha mesmo pessoas ao meu redor me olhando. Só para testar, com bastante falta de esperança, disse pra mim mesma, escrevendo no meu nick do MSN *“Eu acredito em contos de fadas. Acredito. Acredito”*, fazendo a brincadeira com o *Peter Pan* da Disney *“eu acredito em fadas! Acredito, acredito”*, sabe? Fiquei desconfortável de ver todo mundo me olhando e quando eu olhava pra elas, elas desviavam o olhar. Aquilo não estava sendo conto de fadas, estava sendo filme de terror.

Mas acho que *O Segredo* funcionou, porque foi aí que alguém puxou uma cadeira e colocou na minha diagonal, sentou e tirou o meu fone de ouvido dizendo: *“a diferença é que o Artur não existe, e eu, Lucas, sim”*. Era ele. Lucas era definitivamente meu Artur. O engraçado é que depois eu descobri que com ele aconteceu exatamente o que acontecia comigo e com o ‘Artur’, mas na versão dele, eu fazia papel dele e ele o meu. *“Sempre quis falar com você, mas nunca tive chance. Você foi muito dura comigo no dia da minha despedida. Eu realmente queria ficar com você, e não era só porque você estava mais bonita, pra ser sincero, eu acho você bonita todos os dias, eu tentei me explicar uma, duas vezes... depois fiquei muito bravo com tanto drama e falta de comunicação”*.

Era isso, gente! Ele realmente me achava sempre bonita. Como Ana tinha dito naquela hora que eu a abracei pela fofura. Ele me achava bonita sempre, mas não tinha coragem de falar comigo por falta de segurança. Depois a gente conversou – e se beijou – muito. Conversamos sobre o que tinha acontecido, e de como ele não se sentia bonito e não chegava em ninguém por causa da baixa auto estima dele. *“É verdade”*, os amigos

dele falavam. Ele disse que nem ficava perto de tanta mulher bonita como eu disse no começo desse livro. A gente foi ficando, depois descobri vários defeitos dele e ele em mim. Foi aí, quando já sabíamos lidar com os defeitos um do outro, que a gente ficou junto mesmo. Não é um conto de fadas, esses realmente não existem e não seria melhor viver um. Os contos de fadas terminam sempre na melhor parte, na parte que eles conseguem construir algo, quando eles ficam juntos. E que graça teria se, quando eu conseguisse o amor da minha vida, a estória acabasse? Por isso que talvez o que eu vá dizer aqui pode parecer plágio de algum filme tipo *A Nova Cinderela* que eu já citei antes, mas não é plágio, é apenas *senso comum*: Romance da vida real é mil vezes melhor.

Posfácio

por Isaque Criscuolo

Aviso: Este posfácio contém revelações sobre o enredo (*spoilers*).

Ó, minha grande Pagliuca.

Primeiramente, perdão pela demora em responder por seu email enviando o livro. De primeira, queria lê-lo de uma vez, mas não queria perder a magia do seu texto e fui lendo aos poucos. Sinistramente, na hora em que você me enviava um *tweet*¹ perguntando se já havia lido, estava saboreando as últimas duas páginas do livro. Rs.

Re-li algumas partes e fiquei maravilhado com as incríveis citações e intertextualidade. De fato um texto transmite muito da ideologia de seu autor e não venha me dizer que seu texto não tem fatos biográficos, tá? Haha!

Enfim, gostei do texto porque além de um conto de fadas da vida real, ou romance da vida real, ou como queria chamar, ele é um texto repleto de inteligência e conhecimento. Afinal, você reuniu muito do seu repertório² ali, naquelas maravilhosas vinte e três páginas.

Você conseguiu passar para a vida da Mari coisas que às vezes não percebemos em nosso dia-a-dia e não pensamos.

É a Mari, assim como a Pagliuca, que pensa na efemeridade da aparência, que não gosta de fotos e de roupas que apertem. É a Mari que fala demais, que

Notas da autora:

¹ Mensagem no *microblog* / rede social Twitter

² Claro que tenho muito repertório nesse assunto, mas não só desse assunto, acho que vocês entenderam isso, né?!

idealiza o amor da vida real e se precipita, erra, descobre e sonha. Um sonho que pode ser da vida real, mas é do mundo das fadas.

Foi interessante a constante afirmação da personagem sobre um mundo imaginário inexistente, mas, ao mesmo tempo, ela acreditava neste mundo. Ela quis e pensou que Lucas fosse Artur e mesmo que tentasse fugir dessa ideia para não sofrer mais ainda, deveria ter acreditado que contos de fadas existem. Sabe por quê?

Porque como dá para explicar o fato de duas pessoas se conhecerem por MSN, depois pessoalmente, e se tornarem grandes amigos?³

A grande magia dessa vida, Pagliuca, e que seu texto me fez pensar, é acreditar que a magia e os contos de fadas existem. Não foi assim que Mari conquistou o seu? Só depois que ela acreditou que existia. Enquanto acreditava que eram somente sonhos, eles permaneceram sonhos. Devemos sonhar e acreditar na realidade destes sonhos.

Seu sonho é publicar e escrever mais livros, certo? Então, meu bem, seu sonho já é real, porque talento não falta e apoio também não.⁴ Mesmo que eu seja um fã incondicional.

Você também sabe que sou um chorão de carteirinha, mas me diz como não chorar depois de 23 páginas acreditando que os dois não ficariam juntos e, de repente, eles ficam? E ainda numa biblioteca? OMG, OMG, OMG⁵!

Notas da autora:

³ Acho que ele estava falando de mim e dele :)

⁴ Chorei

⁵ OMG – Oh My God – Oh meu Deus em português

Adorei o texto e a articulação entre o real e imaginário. Afinal, “ele parece um cara legal. Bonito, inteligente e legal? Ele deve ser de outro planeta, por isso a mão gelada”. Rs.

Espero que eu não tenha escrito demais. rs.

Abraço.

Isaque Criscuolo

(www.oquartoestendido.blogspot.com)